Editorial n.º 21 – Ambiente de negócios (parte 3)

A LIBERDADE DE COMÉRCIO:

COMÉRCIO INTERNO:

A liberdade de comércio é **fundamental para a formação e acumulação de capital**.

A transformação dos produtos em mercadorias, que, em geral, está garantida nas cidades, **é essencial para esbater as assimetrias regionais, a desigualdade entre o campo e a cidade e o êxodo rural.** Podem **imaginar-se as políticas mais pródigas, com ofertas múltiplas** aos camponeses, **benefícios fiscais** de todo o tipo e espécie para cidadãos e empresas, **palestras e comícios** sobre o regresso ao campo ou os males da vida urbana e **tudo o mais** que a imaginação possa alcançar, **que, sem um comércio regular, as distorções só irão agravar-se.** Nas cidades, **se o comércio interno não funcionar**, **os produtos do campo tornam-se inacessíveis, agravando** a pressão sobre as **importações**.

Sem comércio, a produção camponesa passa a ser de mera subsistência, não garantindo sequer o mínimo de qualidade alimentar, por falta de variedade, condenando os camponeses a uma **vida de miséria e impedindo a conversão** do seu **património em capital.**

Há duas restrições fundamentais à liberdade de comércio interno: **o estado das vias e as restrições à liberdade de passagem.**

É primordial que o Estado priorize a resolução do problema do **estado das vias**, o que se faz **adequando a despesa corrente à sua manutenção e não com mais investimentos.**

Podem buscar-se as definições mais bonitas, usar-se as palavras mais caras do dicionário, que **estratégia** é **focarmo-nos num objectivo principal,** alguns poucos objectivos secundários **e decidir o que e quanto sacrificar**: **estratégia é decidir onde colocar os recursos!**

Ora, **a nossa estratégia para o desenvolvimento das estradas tem sido a ausência de estratégia: distribuir migalhas para todos, com o que conseguimos não ter quase nenhuma estrada boas condições**. Pensamos que **para os 6 eixos fundamentais**, que fazem a ligação Norte-Sul e Este-Oeste[1] e, a **ligação das restantes capitais provinciais a estes eixos há recursos suficientes**: **é aqui que eles devem ser colocados**. **Construídos ou reconstruídos** os eixos e estradas principais, **dotados das verbas necessárias para que não se deteriorem, então poderemos passar à construção ou reconstrução das vias secundárias e terciárias.** As **estradas** não são um fim, **são um meio de garantir o comércio e a liberdade de circulação das pessoas**. **Sem** a **ligação** aos grandes centros o **objectivo não se cumpre**. **Uma estrada secundária ou terciária que desagúe num conjunto de buracos é um total desperdício que** em **nada contribui para o bem estar das populações** que serve.

É igualmente necessário **acabar com as restrições à livre circulação, eliminando todos os controlos e barreiras** nas estradas que, sob os mais diversos pretextos, **impedem a livre circulação**. Com **excepção das regras do código da estrada**, que devem incumbir à **PN**, todo o restante **controlo do cumprimento da Lei** deve ser da **exclusiva competência da ANIESA[2].** A actividade de inspecção deve ser exclusivamente realizada através de **controlos aleatórios e ocasionais, já que os controlos fixos e permanentes são totalmente ineficazes, dispendiosos e prejudicam a livre circulação.**

---

1 Luanda-Uige; Luanda-Saurimo, Luanda-Benguela-Lubango, Luanda-Huambo-Lubango; Lubango-Ongiva; Benguela-Huambo-Luena.

2 Autoridade Nacional de Inspecção Económica e Segurança Alimentar

Também aqui é **fundamental eliminar autorizações prévias** e **fixar as obrigações de comerciantes e camionistas em listas de verificação** que permitam a **execução do transporte e comércio com a protecção dos recursos naturais, consumidores e concorrentes adequada ao nosso nível de desenvolvimento**, garantindo um **forte crescimento da actividade e que se formalizem** os **negócios** de tantos e tantos **operadores honestos** que se vêm **obrigados a viver numa semi-legalidade** que só aproveita a quem recebe as "gasosas". Quanto a nós, apenas deve ser sujeito a **autorização** o transporte de produtos que afectem os **recursos naturais ou sejam perigosos** (madeiras, pedras, combustíveis, incluindo carvão) e a **única obrigatoriedade** o pagamento dos **impostos**. Tudo **o resto só serve para consumir recursos do Estado e dos camionistas.**

O **Ministro da Indústria e Comércio** deveria ser **avaliado**, no que respeita ao **comércio interno, exclusivamente pela quantidade de empresas de comércio e logística**, pela **formalização da actividade e pelo crescimento do valor acrescentado bruto destes dois sectores!**

Tentar resolver o problema do **desenvolvimento fora de Luanda de outra forma é** pura **utopia**: **as assimetrias resolvem-se com boas estradas e total liberdade para comerciar**, não com programas de desenvolvimento regional!

COMÉRCIO EXTERNO

No que diz respeito ao **comércio externo, somos absolutamente favoráveis à protecção da produção nacional nascente**: todos os Estados de sucesso o fizeram. **Porém**, com **instrumentos** que dinamizem a sua **produtividade**, **não** com **os que** a **comprometem**. Qualquer **instrumento de aplicação casuística é desadequado**; o **instrumento adequado é uma pauta aduaneira regressiva**, isto é, um instrumento **imediatamente acessível** e **aplicável sem** necessidade de **contacto pessoal** de qualquer espécie, que **permita tomar decisões racionais com base em informação suficiente e atempada e** que fixe **níveis de protecção cada vez menores, obrigando** a produção nacional a **aumentar a produtividade**. **Ao contrário da proibição, fixação de quotas de importação ou obrigatoriedade de licenças de importação**, uma **pauta aduaneira regressiva garante a protecção simultânea dos consumidores e da produção interna**:

a) porque **promove a concorrência** uma vez que os empresários irão dispor da **informação** necessária para **tomarem decisões racionais com base num conjunto perfeitamente conhecido de regras**; ao contrário, os **sistemas de proibições exigem um contacto pessoal e directo** para obter informações credíveis **e não existe** uma **perspectiva segura** sobre o **futuro** das regras**, limitando fortemente o investimento: só serve para manter o que já existe;**

b) porque **promove a concorrência retirando poder aos** empresários **instalados** que **dominam** os **corredores** governamentais e **conhecem e percebem melhor o complexo conjunto** de **regras e** os mecanismos de **"poder", eliminando a resistência à entrada** de novos operadores **e o potencial de corrupção** que resulta do **relacionamento directo entre o agente do Estado e o importador;**

c) porque os **produtores nacionais** existentes e vindouros, **serão obrigados a tornarem-se cada vez mais competitivos à medida que o nível de protecção decresce;**

d) porque o **sacrifício dos consumidores se torna perfeitamente conhecido e controlável: uma taxa de 20% significa que eu irei pagar mais 20% do que poderia pagar se comprasse um produto estrangeiro sem taxa; e a decisão** de qual o **sacrifício aceitável** para proteger a produção nacional **cabe**, em última instância, **à sociedade que é o conjunto dos consumidores;** com os **sistemas de proibições não há** qualquer **possibilidade de controlar a dimensão do sacrifício e ficamos todos sujeitos aos preços monopolistas** dos

poucos produtores nacionais, cujo **objectivo, como investidores, é apenas o aumento dos seus lucros.**

e) porque, **promove a nossa competitividade internacional**, o que resulta no **aumento do consumo sem aumentar** a **pressão** sobre as **importações, favorecendo a estabilidade da moeda nacional;**

f) porque **o Estado** obtém uma **receita** sob a forma de impostos sobre a importação **que pode ser usada para compensar o sacrifício que se exige aos consumidores**·

A **suposta substituição das importações** que resultou da aplicação do DP 23/19 é, na nossa opinião **completamente contrariada pelos factos**.

Tabela 1 — oferta total ao consumo

	2017	2018	Cresc	2019	Cresc	2020	Cresc	Desde 17
Consumo	96 074	72 076	-25%	53 573	-26%	42 344	-21%	-56%

Fonte: BNA - PIB sem exportações + importações de bens finais

Não houve qualquer **substituição das importações** pela **produção interna**, **apenas** uma **substituição das importações por absolutamente nada**, ou seja, **por um descomunal decréscimo (-56% desde 2017) do consumo**. É certo que houve **poupança de divisas mas à custa da redução do consumo, não da substituição das importações.**

Uma **politica** de protecção **saudável torna as empresas competitivas e capazes de sobreviver sozinhas; tratar a iniciativa privada como crianças sem autonomia é,** na nossa opinião, **a forma errada de o fazer.**

Há todas as razões para proteger a produção nacional; **não há nenhuma razão para o fazer de maneira errada!**

É, por isso, nossa **opinião que o DP 23/19 deva ser urgentemente revogado e substituído por uma pauta aduaneira regressiva.**

Luanda, 21 de Fevereiro de 2021

Heitor Carvalho

CINVESTEC